

## **Mobilização e lutas coletivas: Quando as mulheres jornalistas se unem para ir ao front**

**Prazo limite para envio dos artigos: 1º de outubro de 2026**

### **Editoras do número especial:**

*Florence Le Cam, Université libre de Bruxelles, Bélgica*

*Manon Libert, Université de Mons, Bélgica*

*Paula Melani Rocha, UEPG-PR, Brasil*

Mulheres jornalistas organizam uma “greve de assinaturas” no jornal francês *Les Échos* para denunciar as desigualdades salariais e a falta de mulheres em cargos de direção dentro da redação (Baulieu, 2017). Coletivos de mulheres surgem internamente, como no jornal belga *Le Soir*, a fim de refletir e lutar contra o sexismo persistente tanto na organização quanto nas páginas do jornal (Le Cam et al., 2021). Na América Latina, mulheres jornalistas criam em 2005 uma rede transnacional, a Red Internacional de Periodistas con Visión de Género (RIPVG) com representantes em 36 países, para trabalhar a construção de um jornalismo inclusivo no combate a opressões de marcadores sociais da diferença, fortalecendo o exercício pleno da cidadania e da democracia (Gustafson, 2023). No Brasil, as jornalistas se mobilizaram em frentes de enfrentamento a assédios e ao machismo presentes no mundo do trabalho em jornalismo. Em junho de 2016, um grupo de profissionais se reuniram e organizaram o coletivo #jornalistascontraoassédio. Desde então, com o apoio da ABRAJI (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) e da FENAJ (Federação nacional de Jornalistas), elas lideram campanhas como #mulheresjornalistasemluta e #juntoscontraomachismo. Dois anos depois, em março de 2018, 52 jornalistas que cobriam esporte em diferentes veículos encabeçaram o manifesto #DeixaElaTrabalhar nas redes sociais, com objetivo de combater o assédio moral e sexual sofrido pelas profissionais mulheres nos estádios, nas ruas e nas redações. Clubes brasileiros aderiram ao manifesto e tornou-se uma campanha ecoando internacionalmente com a adesão de jornalistas de outros países, compartilhando vídeos em que eram assediadas pelo público e fontes durante o exercício da profissão. Também no âmbito internacional, a organização é forte: a rede internacional Coalition For Women In Journalism, luta especialmente

contra as violências e o assédio sofridos por mulheres jornalistas; as associações profissionais de defesa das mulheres jornalistas, como a Association des femmes journalistes québécoises, a Asociación Mundial de Mujeres Periodistas y Escritoras e a International Women's Media Foundation, ou ainda de coletivos sindicais como o Conselho de Gênero da International Federation of Journalists (IFJ).

Esses exemplos ilustram a multiplicidade das formas de mobilização coletiva das mulheres jornalistas. A criação desses coletivos pode ser observada ao longo do tempo e em diferentes países. Eles nascem dentro das organizações midiáticas ou fora delas, em torno de uma temática específica ou numa lógica de resistência de gênero como resposta coletiva às experiências de assédio e às desigualdades de gênero, origem ou orientação sexual, sob uma perspectiva interacional. A história mostra isso: coletivos foram criados já no final do século XIX, como o jornal feminista *La Fronde*, fundado por mulheres jornalistas e militantes francesas (Lévêque, 2009), ou ainda as redes de mulheres estabelecidas para ajudar umas às outras na inserção profissional ou na defesa de suas competências profissionais.

Essas iniciativas surgiram em um espaço que lhes negava acesso e ocultava sua contribuição. O status histórico "masculino" do jornalismo e a cultura profissional "masculina" (Silva, 2014; Le Cam et al, 202; Damian et al, 2021) camuflam registros da participação das mulheres na imprensa brasileira, belga ou francesa já no século XIX, quando elas por meio do jornalismo criticaram a situação social imposta e reivindicaram o direito à educação, ao voto e ao trabalho remunerado (Duarte, 2003; 2016). E tal postura se estendeu ao longo do século XX, ao desconsiderar as contribuições da imprensa lésbica (Silveira-Barbosa, 2023; Eloit, 2017), da imprensa feminista e da imprensa alternativa (Woitowicz, 2025; Press, 2011).

Alguns desses coletivos são organizacionais e emergem internamente nas redações. Frequentemente, surgem de forma espontânea, em "reação" a situações ou preocupações específicas, para transformar as relações organizacionais e as práticas profissionais. Eles também podem tornar-se visíveis externamente junto ao público, a fim de conquistar apoios e fortalecer mecanismos de ação.

Outros reúnem mulheres jornalistas para além de suas respectivas empresas de mídia. Eles conduzem lutas variadas, como o combate aos estereótipos de gênero ou a denúncia de violências. Podem agir, por exemplo, por meio de tomadas de posição públicas, como a redação de manifestos ou campanhas de conscientização.

Por fim, alguns se institucionalizam ao longo do tempo, pela criação de associações profissionais ou pela inserção na esfera sindical. Essas mobilizações têm em comum o fato de evidenciar a ação coletiva das mulheres jornalistas na luta contra as desigualdades e discriminações das quais são alvo.

É precisamente nesta dimensão do engajamento coletivo das mulheres jornalistas que esta chamada de artigos deseja se concentrar. Embora as pesquisas em sociologia de gênero no jornalismo tenham se desenvolvido amplamente ao longo dos anos 2000, elas estudaram principalmente as discriminações e desigualdades de gênero na profissão (Ross, 2001; Franks, 2013; de Mendonça Jorge e Leal Adghirni, 2016; Leite, 2017; Lelo, 2019; Pontes, Rocha e Mick, 2025), as formas de segregação horizontal e vertical que estruturam as organizações midiáticas (Damian-Gaillard, Frisque e Saitta, 2010) e a forte presença de violências — tanto públicas quanto organizacionais — no setor (Brambila e Hughes, 2019; Waisbord, 2022), às quais as mulheres estão particularmente expostas (Chen et al., 2020; Baroni e Marinho, 2023; Kebian e Sacramento, 2024; Rocha, Ferreira Rovida, Villanueva, 2025). Em contrapartida, os trabalhos que se dedicaram mais diretamente a estudar as formas pelas quais as mulheres jornalistas se reuniram, se ajudaram mutuamente e se organizaram coletivamente para lutar contra essas desigualdades e discriminações permanecem mais raros.

Alguns estudos se debruçaram sobre redes de mulheres jornalistas (Ross, 2001), associações profissionais de mulheres jornalistas (Orain, 2015; Nozha, 2011), a denúncia pública da dominação masculina na política por um coletivo de mulheres jornalistas (Damian-Gaillard e Saitta, 2020), as lutas profissionais de coletivos de mulheres jornalistas no México (Rojas, 2024), ou ainda os recursos sobre os quais esses coletivos se apoiam (Byerly, 2004). Os estudos sobre o jornalismo de combate e os combates do jornalismo (Tixier, Figaro e Hernandez, 2024) são particularmente valiosos e merecem aprofundar os combates coletivos das mulheres jornalistas, de modo a ancorar o estudo das mulheres jornalistas no

campo da ação política e social, no exercício prático da luta das mulheres e, por vezes, das lutas feministas históricas e contemporâneas.

Esta chamada de artigos pretende prolongar essas reflexões, colocando no centro da análise as mobilizações coletivas conduzidas por mulheres jornalistas. Trata-se, por exemplo, de explorar as razões de existência desses coletivos, sua história, seus objetivos, suas vitórias e fracassos; as modalidades de organização, as estratégias e os mecanismos de ação mobilizados; as formas pelas quais os engajamentos são vividos; e os efeitos sobre as vidas, as carreiras e as práticas profissionais. As propostas podem se inscrever tanto em uma perspectiva histórica quanto contemporânea.

**Assim, esta edição atende os seguintes temas:**

1. A participação de mulheres jornalistas na construção de uma cultura profissional feminina e feminista;
2. Mobilizações históricas conduzidas por mulheres jornalistas dentro do jornalismo e suas contribuições no debate público;
3. Mídia ou produções midiáticas que se inscrevem em uma perspectiva feminista ou de resistência, produzidas por jornalistas mulheres, em sua diversidade. Se trata de analisar as modalidades de organização, as estratégias e os mecanismos de ação;
4. Enfrentamentos vivenciados pelas jornalistas mulheres - de diferentes etnias, raças, classe, sexualidade, faixa etária- os efeitos sobre as vidas, carreiras e as práticas profissionais e as formas de resistência;
5. O contexto em que os coletivos de jornalistas mulheres emergem, sua diversidade, história e objetivos.

**Instruções para submissão:**

O prazo para o envio dos artigos (que devem ter entre 40 mil e 55 mil caracteres com espaços) é **1o de outubro**. Os textos podem ser submetidos em **português, espanhol, francês e inglês**. Em caso de aceite do trabalho para publicação, autores de artigos submetidos nos três primeiros idiomas deverão também fornecer uma versão em inglês.

Todas as submissões a esta chamada especial serão enviadas exclusivamente pelo website da Brazilian Journalism Research, disponível no site da revista: <http://bjr.sbpjor.org.br>.

A BJR é avaliada pelo Qualis-CAPES (20021-2024) como A1.

As diretrizes para formatação dos textos estão em:  
<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/about/submissions>

### **Datas para salvar:**

Envio dos artigos: **até 1º de outubro de 2026.**

Aceite dos aprovados: **até 1º de maio de 2026.**

Publicação da edição: **até 30 de agosto de 2027.**

### **Bibliografia**

Barbosa-Silveira, P. (2023). *Imprensa Lésbica: uma história possível*. São Paulo, Ed. Dialética.

Byerly, C. M. (2004), « Feminist interventions in newsrooms », dans C. Byerly & K. Ross (eds), *Women and media: international perspectives*, Blackwell Publishing Ltd, pp. 109-131.

Beaulieu, L. (2017), *Journalistes et féministes. Sociologie d'un engagement professionnel*, mémoire de Master 2 « Genre, Politique et sexualité », sous la direction de Laure Bereni, Paris, EHESS.

Beaulieu, L. (2019). Journalistes et féministes: Entre assignation à des stéréotypes et stigmatisation au travail. *Sur Le Journalisme, About Journalism, Sobre Jornalismo*, 8(2), 62-77.

Brambila, J. A., & Hughes, S. (2019). Violence against journalists. *The international encyclopedia of journalism studies*, 1-9.

Chen, G. M., Pain, P., Chen, V. Y., Mekelburg, M., Springer, N., & Troger, F. (2020). 'You really have to have a thick skin': A cross-cultural perspective on how online harassment influences female journalists. *Journalism*, 21(7), 877-895.

Damian-Gaillard, B., Frisque, C. et Saitta, E. (2010). *Le journalisme au féminin : assignations, inventions, stratégies*. Rennes : Presses universitaires de Rennes.

Damian-Gaillard, B. & Saitta, E. (2020). La féminisation du journalisme politique : reproduction et subversion des rapports de genre. *Recherches féministes*, 33(1), 233-250.

Damian-Gaillard, B., Montañola, S. et Saitta, E. (2021). Genre et journalisme : Des salles de rédaction aux discours médiatiques. De Boeck Supérieur.

de Mendonça Jorge, T., & Adghirni, Z. L. (2016). Brazil: Need for National Debate on Women in Journalism. *The Palgrave International Handbook of Women and Journalism*, 211.

Duarte, C. L. (2003). Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*. São Paulo, 17(49), Set. /Dez. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>

Duarte, C. L. (2016). *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX – dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

Eloit, I. (2017). «Le bonheur était dans les pages de ce mensuel»: la naissance de la presse lesbienne et la fabrique d'un espace à soi (1976-1990). *Le Temps des médias*, 29(2), 93-108.

Franks, S. (2013). *Women and journalism*. Londres : Tauris. 6. Damian-Gaillard, B., Frisque, C. et Saitta, E. (2010). *Le journalisme au féminin : assignations, inventions, stratégies*. Rennes : Presses universitaires de Rennes.

Gustafson, J. (2023). *Jornalistas em aliança : tecendo redes de proteção e resistência na formulação de uma perspectiva de gênero transnacional*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/247752>

Kebian, G.; Sacramento, I. (2024). Silenciamento de mulheres jornalistas: gênero, violência e autointerdição. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. 21(1), p.133-146. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/100831>

Lévêque, S. (2009). Femmes, féministes et journalistes : les rédactrices de La Fronde à l'épreuve de la professionnalisation journalistique. *Le Temps des médias*, 12(1), 41-53. <https://doi.org/10.3917/tm.012.0041>.

Le Cam, F., Libert, M & Ménalque, L. (2021). *Être femme et journaliste: Enquête sociologique dans un monde au masculin*. Bruxelles : Editions de l'Université de Bruxelles. 209 p.

Leite, A. (2017). Editoras, repórteres, assessoras e freelancers: diferenças entre as mulheres no jornalismo. *Cadernos de Pesquisa*, v.47, n.163, 44-68. <https://doi.org/10.1590/198053143810>

Lelo, T. V. (2019) A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. *Revista Estudos Feministas*. 27 (2). <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254225>

Melani Rocha, P., Ferreira Rovida, M., & María Patricia Manrique Villanueva, L. (2025). Sobreviventes da pauta: o adoecimento das jornalistas sob ataques no exercício de sua profissão. *E-Compós*, 28. <https://doi.org/10.30962/ecomps.3151>

Orain, B. (2015). «L'Association des Femmes Journalistes (AFJ), un réseau féminin de professionnelles, 1981-1999», Master 2, Histoire, sous la direction de Martine Cocard, Université de Rennes II. *Genre & Histoire*, (15).

Pontes, F. S., Rocha, P. M.; & Mick, J. (2025). Feminização e assimetrias de gênero no jornalismo: um estudo longitudinal da trajetória de profissionais brasileiras em contextos de crise. *ARACÊ* , 7(10), e8700. <https://doi.org/10.56238/arev7n10-057>

Press, A. L. (2011). Feminism and media in the post-feminist era: What to make of the “feminist” in feminist media studies. *Feminist media studies*, 11(01), 107-113.

Rojas, D. N. R. (2024). Las luchas de los Colectivos de Periodistas en México: Acciones para la protección y la defensa del ejercicio periodístico. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, 13(1), 134-151.

Ross, K. (2001). «Women at Work: journalism as en-gendered practice», *Journalism Studies*, 2(4), 531-544.

Silva, M. V. (2014). Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular.

Smati Nozha, « « Nous voulons juste une égalité homme/ femme qui est inscrite dans la loi mais qui ne se concrétise pas dans les faits » », *Sciences de la société*, 83 | 2011, 152-160.

Tixier, F., Figaro, R., & Hernandez, M. E. (2024). Introducción: El periodismo, una profesión de luchas. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, 13(1), 24-29.

Waisbord, S. (2022). Can journalists be safe in a violent world?. *Journalism Practice*, 16(9), 1948-1954.

Woitowicz, K. J. (2025). Journalism in times of dictatorship: Feminist resistance in the alternative press in the 70s and 80s in Brazil. *Journalism*, 0(0). <https://doi.org/10.1177/14648849251407289>